



Rádio de Fronteira: da Cultura Local ao Espaço Global¹

Vera Lucia Spacil Raddatz²

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI

Resumo

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa de Doutorado sobre o rádio de fronteira em quatro pontos das regiões Sul e Centro Oeste do Brasil. O rádio FM de fronteira está acompanhando o fluxo das transformações proporcionadas pelas novas tecnologias. Ao ingressar na *web*, o rádio não só ampliou sua audiência como reafirmou seu papel de difundir as representações das práticas culturais da região da fronteira no espaço virtual. A análise do material coletado discute como as práticas socioculturais das regiões fronteiriças estão sendo representadas na programação de quatro emissoras: de Santana do Livramento-Rivera (Brasil-Uruguai), Uruguaiiana-Libres (Brasil-Argentina), Ponta Porã-Pedro Juan Caballero (Brasil-Paraguai) e Corumbá-Puerto Quijarro (Brasil-Bolívia), revelando a fronteira como lugar de integração e espaço de tensão.

Palavras-chave:

Rádio; Fronteira; Práticas socioculturais; Web.

Introdução

Os espaços de fronteira fornecem um conteúdo riquíssimo para estudos na área da comunicação e cultura. Nesta pesquisa apresentamos os resultados da Tese de Doutorado “Rádio de Fronteira: da cultura local ao espaço global”³, socializando os principais aspectos levantados a partir da análise de emissoras de rádio localizadas em Santana do Livramento-Rivera (Brasil-Uruguai), Uruguaiiana-Libres (Brasil-Argentina), Ponta Porã-Pedro Juan Caballero (Brasil-Paraguai) e Corumbá-Puerto Quijarro (Brasil-Bolívia), respectivamente RCC FM, 96 FM, Amambay FM e Transamérica Hits (programação local). Essas rádios caracterizam-se por serem canais de FM e emissoras *on line*, ou seja, disponíveis também na internet. São relativamente jovens, e entraram no ar a partir da década de 80, como boa parte das FMs do país. Sua programação está voltada essencialmente para a música, com espaços para a informação local, sendo que os demais conteúdos são diversificados e diluídos no conjunto da programação.

¹ Trabalho apresentado à Divisão Temática de Comunicação Audiovisual do X Congresso de Comunicação da Região Sul

² Doutora em Comunicação pela UFRGS; Professora e Pesquisadora do Curso de Comunicação Social da UNIJUI; e-mail: verar@unijui.edu.br

³ Tese de Doutorado defendida na UFRGS, em 13 de março de 2009.



Depois de termos percorrido 13 mil quilômetros de carro, somadas todas as viagens, durante dois anos e meio para conhecer os lugares e o contexto em que estão instaladas as rádios, procuramos enxergar na programação que elas veiculam a forma de sua atuação e o relacionamento com este espaço de trocas, e intervenções.

Os elementos para composição da análise foram obtidos a partir de entrevistas com locutores, produtores de programas e diretores das emissoras, bem como das observações realizadas durante as visitas e acompanhamento dos programas, tanto *in loco*, quanto das edições dos programas gravados posteriormente. Nos períodos em que as emissoras foram visitadas procuramos observar muito mais o desenvolvimento das atividades dos locutores, a sua rotina de trabalho em tarefas de produção e transmissão e as possibilidades de contato e interação estabelecidas com os ouvintes durante a apresentação do programa. Esse contato direto com o fazer radiofônico em cada emissora forneceram dados importantes para a elucidação do objeto, pois permitiu observar a programação por dentro e por fora, compreendendo o contexto, as condições e a estrutura em que ela é veiculada. São elementos que estão além da linguagem verbal, normalmente o peso maior em uma análise onde apenas se ouviria a rádio via internet. Entendemos que essas visitas programadas às emissoras foram essenciais para compreender o contexto sócio-histórico.

Nosso foco fixou-se nas práticas socioculturais do rádio FM de fronteira que está na web, tendo sempre em vista a interpretação do fenômeno fronteira, à luz dos pressupostos da Hermenêutica da Profundidade, que permite a re-interpretação da programação, considerando a comunicação como um processo de produção, transmissão e recepção. Segundo Thompson (1995, p.411), “dar uma interpretação [...] é fazer uma afirmação que é arriscada e aberta à discussão”. As formas simbólicas estão sempre situadas dentro de um campo de interação, ou seja, “um campo como um espaço de posições e um conjunto de trajetórias que conjuntamente determinam algumas das relações entre pessoas e algumas das oportunidades sensíveis a elas” (THOMPSON, 2002, p.366).

Procuramos vislumbrar todas as representações que as emissoras estudadas permitem ver acerca dessas práticas socioculturais, que indicam o cotidiano da região, as preocupações das comunidades da fronteira, os falares e os fazeres dos homens do lugar. Centramos nossa análise no conteúdo de um programa em cada emissora, observando todo o processo de comunicação radiofônica, com os indicativos de que a



fronteira possa ser olhada a partir do que se diz e faz no rádio como lugar de integração e espaço de tensão. A idéia forte da integração aparece em todas as emissoras como nesta expressão do locutor Jaime Ribeiro (2008) da Rádio 96 FM de Uruguaiana: “E vamos compartilhando com os amigos nessa maior roda de mate virtual que se proporciona para argentinos, uruguaios, cidades vizinhas, interior do município e todos os amigos da cidade”.

A partir disso procuramos perceber como as práticas socioculturais que acontecem na região são absorvidas pela programação das emissoras e o significado que o fenômeno fronteira adquire no mundo contemporâneo por meio do rádio que ultrapassa limites geográficos do seu território não mais apenas pelas faixas de onda, mas por tecnologias como a internet. Ao fazer esse percurso, o rádio de fronteira chega a outros espaços, antes jamais imaginados, através de canais virtuais. Isso tem repercussões imediatas, mais propriamente nas relações culturais que se estabelecem por meio desse novo comportamento.

Cultura e rádio de fronteira

O rádio de fronteira até aproximadamente uma década era restrito a sua região de alcance, o que poderia envolver duas nações ou três, em caso de emissoras situadas em tríplexes fronteiras, ou até mesmo em outros continentes, quando as ondas curtas levariam o som até lá. Agora pode chegar a qualquer lugar do globo, ou seja, a cultura de fronteira sai de seu lugar de origem e alcança outros mundos. Nesse aspecto, dá sentido ao local num âmbito global.

Grimson (2002, p.19) afirma que “as zonas fronteiriças constituem a dimensão espacial onde os desafios e tensões entre a continuidade e o câmbio se estabelecem de modo mais agudo e ali o cotidiano é atravessado pelas relações com os países vizinhos”. Segundo Müller (2003) o fenômeno fronteira influencia os fazeres e os dizeres do homem local, podendo ser verificado nas falas e nas manifestações culturais. Desse ponto de vista, a mídia desempenha um papel preponderante no sentido de reforçar, criar e definir esta fronteira dentro da vida das comunidades.

O estudo feito faz pensar sobre quais questões estão sendo disponibilizadas para o mundo sobre a fronteira por ela própria, considerando-se que é o rádio localizado nesses lugares que está cumprindo essa função. Assim, aquela programação que é



veiculada em Livramento-Rivera, Uruguaiana-Libres, Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro pode ser ouvida em Nova Iorque, Tóquio, Londres, Lisboa, África, Austrália ou qualquer outro lugar. Constatamos que quem ouve essas emissoras são cidadãos que têm algum tipo de ligação com as regiões de fronteira, ou porque nela nasceram ou viveram e ali deixaram parentes e amigos, ou ainda alguém que mantém algum tipo de interesse nesses lugares.

Esse mesmo aspecto é possível verificar em relação a outras emissoras de rádio que estão na web fora das regiões de fronteira. Mas esse fator não elimina a avaliação inicial, pois o que interessa é localizar como a própria fronteira está difundindo sua imagem para o mundo e que traços de suas práticas socioculturais ela está evidenciando sobre si mesma. Nas entrevistas realizadas com os radialistas observamos que eles estão conscientes disso e principalmente do que isto significa para uma região que normalmente não é muito lembrada, a não ser quando a grande mídia evidencia as notícias desta região relacionadas a questões de segurança nacional, crime organizado e narcotráfico. O rádio de fronteira na internet é uma possibilidade de mostrar outras características da cultura do lugar que não sejam apenas as negativas. E, se por um lado as distâncias diminuíram, por outro aumentaram “as proximidades cognitivas e afetivas entre as nações, os povos e as culturas” (LEVY, 2000, p. 201).

Observamos que os profissionais de rádio que atuam nas emissoras de fronteira se guiam por um princípio básico de constante vigília em relação às rotinas do fazer radiofônico, e demonstram ter isso internalizado, quando estão ao microfone. A respeito, destacam-se os cuidados que eles precisam ter quando os temas são relacionados às políticas e às temáticas de fronteira, para que a emissão de suas falas não venham a ferir o país vizinho. As relações são sempre delicadas, porque se trata de um lugar de integração e de um espaço de tensão.

Qualquer problema de má interpretação pode deflagrar uma crise. Como a língua é de domínio dos sujeitos, seres interpretantes e interpretados, o cuidado com a informação precisa ser redobrado. Fazer acusações por suposição, ventilar idéias que não possam ser justificadas, veicular informações que possam atingir a integridade do país vizinho, apontar culpados por uma ou outra situação, é sempre uma preocupação para quem trabalha no rádio de fronteira, numa proporção maior do que para os profissionais de emissoras de outras regiões, porque ali, o vizinho está muito próximo e responde de modo direto e imediato com ações quotidianas ao que lhe agrada ou



desagrada. Na locução de Pedro Paulo Miranda (2008) da Rádio Transamérica Hits de Corumbá, podemos notar esse aspecto numa ocasião em que ele cita o problema do tráfico de drogas na fronteira com Puerto Quijarro, Bolívia: “Todo mundo sabe que a Bolívia é produtora de entorpecentes (...) e nós aqui somos corredor. (...) não precisa ter melindre em comentar isso”. A palavra “melindre” tanto demonstra o aspecto da constante vigília como a fronteira como espaço de tensão. O impacto é maior na região de fronteira por causa da possibilidade do corpo a corpo e porque qualquer decisão tomada nesta área pode comprometer as relações de modo mais intenso, provocando incidentes de nível às vezes internacional por causa da repercussão.

O acompanhamento das rotinas produtivas nas rádios de fronteira mostrou que as emissoras, por meio de suas direções e equipes de trabalho, vão continuar apostando, por muito tempo ainda na programação local, principalmente por causa do vínculo com o ouvinte do lugar, que participa muito diretamente do dia-a-dia das rádios por meio do telefone, da internet ou até mesmo de forma presencial, pois em cidades como as dessas regiões, geralmente não muito grandes, as pessoas sabem quem é quem, conhecem os profissionais das rádios e conversam diretamente com eles sobre aquilo que ouviram ou gostariam de ouvir na emissora onde quer que os encontrem: nas ruas, nas esquinas, nos bares, enfim, por todos os lugares.

Apesar de a fronteira ser um lugar de integração para os cidadãos e por aquilo que se ouve nas emissoras, os profissionais do rádio não costumam trabalhar de forma integrada. Nos quatro pontos analisados, percebemos que não há ações conjuntas que contemplem uma integração entre os radialistas na produção das rotinas de trabalho, a não ser em situações específicas que envolvam fatos de repercussão nacional e internacional. Nesses casos, as emissoras costumam fornecer boletins ao vivo para as co-irmãs, facilitando o processo de comunicação e informação.

O que presenciamos nas fronteiras foi o fato de existir brasileiros fazendo rádio em emissoras bolivianas, paraguaias e argentinas, principalmente, porém, o contrário não acontece, até por uma questão de legislação. Mas uma integração de fato entre os profissionais, trocando boletins e pautas, produzindo informação sobre e para o país vizinho, não ocorre em nenhuma das fronteiras estudadas. O trabalho de abastecer a programação sobre o país vizinho ou a cidade fronteira é isolado, depende de cada emissora considerar o fato importante para ser divulgado na programação. Esta falta de contato dos profissionais resulta num maior desconhecimento da realidade. A troca de



informações entre os profissionais somente se dá em situações que interessem aos dois países. Acreditamos que se houvesse um maior intercâmbio entre os profissionais do rádio na produção e veiculação das informações, a questão da identidade e afinidade entre as comunidades fronteiriças poderia ser maior, facilitando as rotinas do lugar de integração no espaço de tensão.

A questão das práticas socioculturais que aparecem na programação do rádio de fronteira é o testemunho de como a cultura do lugar é algo vivo e em constante movimento e como ela está presente no cotidiano dessas comunidades. São as fronteiras culturais, que para Pesavento (2002, p.36) “remetem à vivência, às socialidades, às formas de pensar intercambiáveis, ao *ethos*, valores significados contidos nas coisas, palavras, gestos, ritos, comportamentos e idéias”. A música que identifica os países e cai no gosto dos cidadãos, a língua que se mistura formando o “portunhol”⁴ ou simplesmente a aceitação e a compreensão de um idioma estrangeiro dentro da programação local, as expressões típicas do lugar, as temáticas de referência à região como pautas das conversas, informações e debates, a vigília constante dos locutores sobre suas falas, e a integração de elementos de uma cultura local com elementos da cultura uruguaia, argentina, paraguaia e boliviana constituem o diferencial do rádio de fronteira. São as fronteiras culturais que, segundo Martins (2002, p.238) “com suas ambivalências e ambigüidades, similitudes e especificidades de ordem social, lingüística, existencial, enriquecem sobretudo a fronteira”.

Embora a música seja um fator muito importante na composição de uma cultura de fronteira que está presente nas rádios, as informações, quando se voltam para o interesse da comunidade, são uma maneira de abordar a cultura e as coisas que identificam a fronteira. O rádio FM é basicamente sustentado pela música, mas rádio não é só isso. As informações ocupam um papel fundamental na difusão da questão cultural e no caso do rádio FM de fronteira na web, as mensagens veiculadas têm a força de expressar uma identidade comum pelo seu conteúdo.

As fronteiras analisadas vivem em harmonia, sendo que em duas delas – Livramento-Rivera e Ponta Porã-Pedro Juan Caballero - esse aspecto é mais evidente porque as cidades são conurbadas, parecendo ser apenas uma. Não existem obstáculos naturais ou aduanas controlando o ir e vir dos cidadãos. O trânsito é livre e isso cria a sensação de que o espaço não tem limites. Entretanto, mesmo assim, existem problemas

⁴ Mistura do idioma português com o espanhol



comuns também a outras fronteiras, como Uruguaiana-Libres e Corumbá-Puerto Quijarro, ou seja, contrabando, violência, narcotráfico, o que pode no cotidiano ameaçar essa harmonia.

Escolher o fato de maior interesse para a comunidade é o critério mais importante para definir a informação nas rádios de fronteira e a pesquisa na internet ajuda a globalizar os fatos regionais. É preciso, nesse contexto, trabalhar com a notícia generalizada, não só de enfoque para os brasileiros, mas, na medida do possível, pensar nos dois países que fazem fronteira. O importante é buscar as informações locais e de abrangência da fronteira, pois os ouvintes se situam nos dois lados da linha divisória.

O rádio mostra a fronteira na web

O rádio de fronteira atua como elemento de difusão e memória da cultura local e vai recortando no seu cotidiano as práticas socioculturais presentes nessa região. Não importa se está somente no canal das ondas eletromagnéticas ou na rede mundial de computadores. A propósito, quanto mais os comunicadores do rádio interagem na rede com os ouvintes, independente de onde está este ouvinte, mais eles se dão conta de que a web hoje está plenamente incorporada nas rotinas normais do fazer radiofônico, tanto para a coleta de informações quanto para a interação direta com a audiência, que se torna automaticamente mais participativa. Por meio do rádio que está na internet, a cultura da fronteira ultrapassa os seus limites e pode ser trocada com outras culturas do mundo, fazer-se conhecida e reconhecida.

A internet é uma aliada dos radialistas não só como canal de transmissão, mas como fonte de informações. Depois que as emissoras se estabeleceram também na internet, podem manter contato com ouvintes que moram em diversos países. Antes, provavelmente não tinham idéia de quantas pessoas da fronteira estão fora dela. Mas quando elas começam a se identificar, estabelecer contato com os locutores e a dizer as razões de estarem ouvindo a emissora de tão longe, a compreensão do que significa estar na web muda completamente para os profissionais do rádio. Normalmente quem entra em contato diz que está matando a saudade da cidade e dos familiares através do rádio e isso os deixa felizes. A idéia sobre o ouvinte web é de que ele seja mais qualificado que o ouvinte tradicional, porque tem acesso a um maior número de informações que estão disponíveis na rede e porque provavelmente fique mais tempo



mexendo com esse tipo de conteúdo que não chega por outros meios ao ouvinte do dial. Isso deve ser levado em consideração pelos produtores e radialistas como um todo, pois esse ouvinte quer algo mais do que aquilo que ele já tem na internet.

Constatamos ainda que as rádios de fronteira ainda não realizam investimentos em recursos humanos ou materiais para disponibilizar uma programação diferenciada ou segmentada, tendo em vista esse novo público. A conexão com ele se mantém justamente pela afinidade do local, já que os cidadãos do mundo ouvem a rádio FM de fronteira pela internet, principalmente porque estão longe da cidade de origem ou de seus familiares. Desse modo eles encontram uma forma de se manter próximos de sua cultura de raiz ou das pessoas com as quais mantêm laços afetivos.

Nas emissoras FM estudadas, localizadas na faixa de fronteira, o que se verifica é a manifestação dos elementos provenientes da cultural local diluídos no conjunto da programação impregnada também de elementos da cultura global. O rádio reproduz essas marcas por meio de sua programação, difundindo em todo o território de seu alcance aquilo que constitui as práticas socioculturais do espaço físico em que está inserido. Quando isto se propaga também pela web, atinge outra dimensão, desapegando-se de suas raízes e respondendo imediatamente às demandas deste novo circuito.

Na fronteira sul e na centro-oeste, a linguagem própria dessas regiões, marcada sensivelmente pelo sotaque diferente e pelo “portunhol” está enraizada nos apresentadores e eles, conseqüentemente, levam isso para a programação das emissoras, bem como as informações que se ligam às vivências dos cidadãos, que são as que mais interessam ao ouvinte. Mas a grande preocupação é com a música de boa qualidade, evidenciando estilos como o sertanejo e o nativista, o pop rock, o nacional e o internacional, cruzando-se muitas vezes todos esses ritmos na mesma emissora, abrindo também espaço para a música do país vizinho.

Isso demonstra novamente o caráter que o rádio está assumindo: apesar de dar grande importância aos temas e interesses locais, está também envolvido com as questões globais, pois como meio de comunicação eletrônico nem poderia ser diferente, se quiser mesmo satisfazer as necessidades de seu público, que hoje não se alimenta apenas do rádio, pois tem muitas outras formas de acessar a informação. Assim como é na música, portanto, também é com a informação. Os mais radicais ou reacionários e resistentes às mudanças, poderiam dizer que a internet corrompeu as rotinas do rádio



local. Corromper seria demais, mas certamente ela alterou o fazer radiofônico, deixando alguns completamente dependentes apenas do que está disponível na rede, sem ir atrás dos fatos. Mas, facilitou a prática, pelo modo e rapidez como as informações de todo gênero chegam às emissoras e, também, em relação às formas de participação do ouvinte, cada vez mais dinâmicas e interativas.

O próprio fato de os radialistas trabalharem hoje dentro de uma realidade diferente em termos de condições estruturais para produzir a notícia, leva a esse tipo de comodismo, o que os deixa cada vez mais distantes daquilo que se tinha como ideal da profissão. Poucos hoje realizam o trabalho de muitos e executam várias tarefas ao mesmo tempo, pelas facilidades das tecnologias de informação. Apesar de distanciarem-se das fontes mais próximas, podem interagir muito mais diretamente com o seu público que passa a ser uma fonte ativa de informação. A posição do receptor mudou. Agora ele é também emissor, influenciando e interagindo nos processos de produção da informação, desde as mensagens que são veiculadas até a seleção musical.

A música no rádio é um elemento importante da identidade cultural dos povos de fronteira. Ela é ouvida indistintamente na zona urbana e rural e agora, com a web, em qualquer parte do mundo. A mesma programação pode estar sendo sintonizada de modo concomitante numa fazenda de gado em Livramento ou no centro de Nova Iorque. Na programação das emissoras estudadas há preponderância da música sobre a notícia, fator que pode ser interpretado como uma instância cultural que reproduz as relações vigentes naquela sociedade de forma espontânea, atendendo a uma expectativa das camadas consumidoras. Assim, a rádio estabelece um vínculo com essas camadas através de um produto cultural que as identifica. E essa identificação, no caso desse estudo, não se dá apenas do lado brasileiro, uruguaio, argentino, paraguaio ou boliviano, pois as músicas em espanhol são muito bem aceitas no Brasil, assim como as músicas brasileiras constituem uma porcentagem significativa da programação das emissoras FM dos países vizinhos. A rádio sintetiza uma diversidade de significados e falas heterogêneas, o que determina a sua própria natureza.

Pelo rádio a problemática e as práticas socioculturais da fronteira vão se desnudando. Olhar a fronteira sob esta perspectiva é um passo importante para construir sua identidade, que não se estabelece apenas pelas relações comerciais, mas por um conjunto de elementos presentes na história, na cultura e na memória da região e que estão representados, de algum modo, pela programação das emissoras FM de fronteira.



Quando pensamos que isto está disponível na grande rede mundial, amplia-se a possibilidade de um conhecimento maior sobre esta região, normalmente esquecida. Essas relações aproximam os povos e diminuem as diferenças.

Muitas práticas culturais e idéias, por meio do rádio na web, atingem diversos territórios e espaços marcados por caracteres diferenciados no que diz respeito à cultura e à realidade. Como estas diferenças são visíveis e há também muitas semelhanças, o rádio funciona como elemento identificador dessas variáveis e articulador de um processo em que se dão as representações das práticas socioculturais da fronteira.

O caráter do rádio de fronteira na web apresenta características que estão se definindo na atualidade, mas notamos que o local e o global se mesclam num espectro de ondas e num endereço eletrônico. A identidade desses espaços se sustenta pelo suceder de uma série de situações e práticas quotidianas que são características das relações estabelecidas na sociedade contemporânea em que interagimos pelas novas tecnologias. Ao mesmo tempo em que este rádio precisa tratar dos fatos dentro de um contexto de nação, necessita desdobrar-se para dar conta de uma nova realidade. Como meio de comunicação, lhe cabe cumprir sua função dentro de um espaço físico e de um espaço virtual que não diz respeito apenas ao seu país, ou cidade, mas ao mundo.

Isso leva a supor uma reorganização das idéias no espaço do rádio, dentro de sua condição de recriar e renovar a informação adequando-a às diferentes situações sem perder em significado, transformando os modos de renovação da sensibilidade e do saber, propõem outros vínculos da cultura com o território, do local com o internacional, outros códigos de identificação das experiências, de decifração de seus significados e modos de compartilhá-los. O rádio FM de fronteira na *web* interage com a fronteira e os cidadãos do mundo, reflete seus comportamentos e articula relações e práticas socioculturais. Ele é, portanto, pela sua programação, um espaço para a manifestação de múltiplas identidades culturais, pois estabelece vínculos da cultura com o território, utiliza-se de outros códigos para identificar e compartilhar experiências e significados.

Da cultura local ao espaço global

Impõe-se assim um novo modelo, uma nova lógica de relações entre as culturas e as identidades, onde se dá uma reconfiguração do real, a partir do local e do global, em que os cidadãos do mundo recompõem também suas noções de igualdade e



diferença. De acordo com García Canclini (2004, p. 34) “*la cultura abarca el conjunto de procesos sociales de producción, circulación Y consumo de La significación en la vida social*”. Na sociedade contemporânea multicultural são inúmeras as complexidades de vínculo, pertencimento e identidades. Na fronteira todos esses aspectos vão se internalizando e perpassam a história, atravessando o tempo e sedimentando identidades culturais que se manifestam de modo flexível, pois “são resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação” (SOUSA SANTOS, 2001, p.135). Os meios de comunicação acompanham esse movimento e produzem novas representações que denotam aspectos dessa complexidade. O rádio de fronteira na web contribui para esse processo em tempo real e coloca na rede uma série de elementos da cultura de fronteira que passam a ser socializados num ambiente de diversidade. É a cultura local saindo de seu berço para encontrar as janelas do mundo.

As representações dessa cultura de fronteira que vão parar na internet por meio do rádio são de fato uma abordagem, um enfoque, uma representação da realidade. A incorporação e a apropriação dos elementos da cultura local, como a música, as expressões lingüísticas, os falares, as temáticas do cotidiano, por parte dos meios incidem sobre essa representação, pois a legitimação dos aspectos dados como culturais na verdade só ocorrem quando são socializados por meio de algum tipo de suporte. Quando esse suporte é a mídia, tal legitimação parece que adquire mais propriedade por meio das estratégias utilizadas. A programação das emissoras de fronteira é, no seu conjunto, a amostra que vai para a internet das práticas socioculturais da região que podem ser transmitidas pela linguagem do rádio. Se a verossimilhança dessa representação for mínima, os próprios sujeitos que vêem suas práticas representadas vão opor-se ou protestar em relação a elas. É essa possibilidade de poder interagir imediatamente, exercendo influência sobre as representações dadas pela mídia local num ambiente virtual que caracteriza o novo papel que o ouvinte tem nesta cultura contemporânea. Não se trata de apenas acompanhar ou palpitar sobre o que se publica a respeito de si ou de seu mundo, mas de ter o poder de contrapor, reivindicar e de fato contribuir para que as representações sejam as mais fiéis possíveis àquilo que ele compreende como sua realidade. O ouvinte internauta tem na sua possibilidade interativa o recurso que pode contribuir também para uma comunicação cada vez mais próxima de si mesmo e das coisas que lhe interessam.



Acreditamos que de todas as imagens que produzimos a partir das reflexões deste trabalho, a que melhor representa o fenômeno pelo qual passa o rádio de fronteira, que da cultura local chega ao espaço global, é a roda de mate virtual, mencionada no programa A voz do Pampa, da Rádio 96 FM, de Uruguaiana. Esta não é uma roda de mate qualquer. Ela sai dos limites de que se imagina, ou seja, dos galpões das estâncias e das casas da cidade para o mundo. E é esse aspecto que se quer ressaltar aqui como um dos mais importantes nesse rádio feito na fronteira. A cultura local, própria dessa região e com a força e compreensão que só esse lugar tem de si mesmo, ganha literalmente o mundo. Desvencilha-se de suas amarras para plantar raiz em outras culturas. O fato de um programa com essa linguagem estar podendo chegar a qualquer lugar do mundo representa a inserção da fronteira no espaço global por meio da web, com tudo o que ela tem de mais peculiar nos aspectos culturais, ou seja, a linguagem própria da região, que é de abrangência de mais de uma nação, as expressões típicas desses lugares, as vozes e as falas dos cidadãos sobre os seus gostos, os costumes e até mesmo as preocupações do cotidiano, a música que é comum ao lugar e que canta as coisas da terra, enfim, o conjunto de fazeres radiofônicos que implicam um contexto de fronteira em sua complexidade.

É por esta imagem que chegamos à idéia do espaço radiofônico virtual, que se concebe por meio de uma mediação tecnológica pela qual passa a cultura de fronteira através do rádio na web e compreende um fluxo de relações e conexões. Não é simplesmente a rádio de fronteira na web. É a roda de mate virtual. É a cultura da fronteira disponibilizada para o mundo e as novas implicações daí resultantes. O que analisa não são as informações, mas as falas dos locutores e dos participantes dos programas, que ora colocam ao vivo a sua voz e ora apenas se manifestam de forma virtual estabelecendo vínculos e afinidades, abrindo, discussões e formando, quem sabe, um novo campo de intervenção social por meio das idéias.

Sabemos que as tecnologias avançam e o novo está sempre suplantando até mesmo aquilo que recém foi instalado ou começou a funcionar. Porque hoje falamos muito em tecnologia, chegando ao ponto muitas vezes de tudo querer explicar a partir desse pressuposto, é aqui o momento de dizer que em termos de futuro, além dos avanços e da implantação do rádio digital, acreditamos que o que vai realmente trazer novos perfis de público e audiência para o rádio é a sua popularização pela internet. Isso deve tomar uma dimensão que poucos imaginam. Em todos os lugares há gente



acessando rádios de todos os lugares! É uma necessidade que as pessoas têm de saber como anda seu município, sua cidade ou mesmo por uma questão afetiva de só quererem matar a saudade.

Considerações finais:

O que estamos presenciando em termos de rádio na internet é a ponta do iceberg do que vem por aí. Acreditamos que muita coisa ainda vai melhorar, como a qualidade das transmissões, o desenvolvimento de programações que sejam exclusivas para internet - algo que poucas rádios já pensaram – uma dinâmica estratégia de funcionamento, como horários que seriam obrigatórios para a rádio transmitir no ar, mas podem ser usados para transmitir outros conteúdos pela internet, entre outros. Com iniciativas desta ordem o rádio vai se qualificar, conquistar sua audiência e automaticamente ampliar seu faturamento, que pode vir a ser alavancado com essa outra mídia, e não mais apenas pelo hélio, o ar.

O principal benefício do rádio na internet, em termos comerciais, é o ganho que isso dá não só para a emissora, mas para o patrocinador que sabe que a sua imagem está indo mais longe. Não é apenas mais um suporte, mas algo que vai continuar crescendo muito e muito rapidamente. Daqui a pouco podemos ter também uma veiculação comercial específica para essa mídia. Algumas emissoras, inclusive, entraram na internet num dia e no outro já contavam com centenas de ouvintes simultâneos, recebendo aquele sinal ao mesmo tempo. Isso é impressionante e demonstra que o rádio pode já estar muito bem consolidado na internet.

A partir do momento em que tivermos uma transmissão especial para os ouvintes de internet haverá uma maior qualificação da transmissão. A simples transmissão não é eficiente, porque o ouvinte web quer algo mais e diferenciado. Talvez o próximo passo seja a percepção de que é uma mídia diferente, é uma modalidade de transmissão que tem o seu público específico e nós só precisamos descobrir e detectar o que esse público espera da transmissão da sua rádio preferida pela internet.

As formas de interação mais constantes são as comunidades, o MSN, as mensagens, mas a tecnologia hoje permite algo bidirecional, como a entrada ao vivo de um ouvinte na própria emissora que está acessando pela web. Assim ele pode ouvir e transmitir pela própria rádio, ao mesmo tempo, usando um chat de transmissão via voz,



por exemplo. Também funcionam muito bem as rádios que transmitem exclusivamente pela internet, as *web* rádios. Algumas delas contam com locutores espalhados pelo Brasil inteiro, isso significa que quando termina um programa em Uruguaiana, pode começar outro Ponta Porã. Esse giro de locutores é uma estratégia totalmente inovadora, possível, que torna o rádio descentralizado e atraente.

A partir de todas as análises feitas acerca do rádio FM de fronteira que está na web e de todas as reflexões daí decorrentes, queremos reforçar o caráter diferenciado dessa programação que se constrói e se insere num espaço que é local e internacional ao mesmo tempo e, por isso, as rotinas do fazer radiofônico, embora sigam as linhas gerais, aqui se revestem de um cuidado maior, permeadas pelo critério da vigilância constante quanto ao modo de narrar a realidade. A força da localização na fronteira internacional faz do local um lugar de integração e um espaço de tensão, qualidades estas que se reproduzem diariamente nas falas dos locutores e nas mensagens e formas de interação dos ouvintes com as emissoras.

O rádio de fronteira se traduz pelas representações que dela faz quotidianamente, pela sua programação, voltada principalmente para as coisas da região com as quais tem afinidade porque tem afinidades, e que revelam a fronteira como lugar de integração e espaço de tensão. Ele está, portanto, comprometido com esse espaço, inclusive defendendo, atribuindo-lhe a devida importância em função de suas temáticas e realidade. Entretanto, não se pode negar que esse rádio não está imune às influências do espaço global. É um rádio “sem fronteiras”, aberto e sintonizado com os cidadãos do mundo. Seu campo de atuação predileto e o foco de seus repórteres é o espaço local-internacional porque é ali que visualizam concretamente os resultados do que fazem. Não consegue mais imaginar-se sem o contato com os seus ouvintes via internet ou de buscar nela boa parte das informações diárias. Estar na rede e pela rede é uma necessidade do rádio contemporâneo. Por isso, através desse rádio circulam afetos e informações, e marcam encontro os cidadãos do mundo na infinita roda de mate virtual.

Referências bibliográficas

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Diferentes, Desiguales y Desconectados*: mapas de la interculturalidad. Barcelona, Espanha: Gedisa Editorial, 2004.

GRIMSON, Alejandro. *El outro lado del rio*: periodistas, nación y Mércosur em la frontera. 1ed. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires – Eudeba, 2002.



LEVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da. *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina/Edipuc, 2002. 2ed.

MARTINS, Maria Helena (org.). *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai e Argentina*. São Paulo: Ateliê, 2002.

MIRANDA, Pedro Paulo. *Programa Transnotícias*. Corumbá: Rádio Transamérica Hits, 2008.

MÜLLER, Karla Maria. *Mídia e fronteira: jornais locais em Uruguaiana-Libres e Livramento-Rivera*. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (org.). *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai e Argentina*. São Paulo: Ateliê, 2002.

RIBEIRO, Jaime. *Programa A Voz do Pampa*. Uruguaiana, RS: Rádio 96 FM, 2008.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.